

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

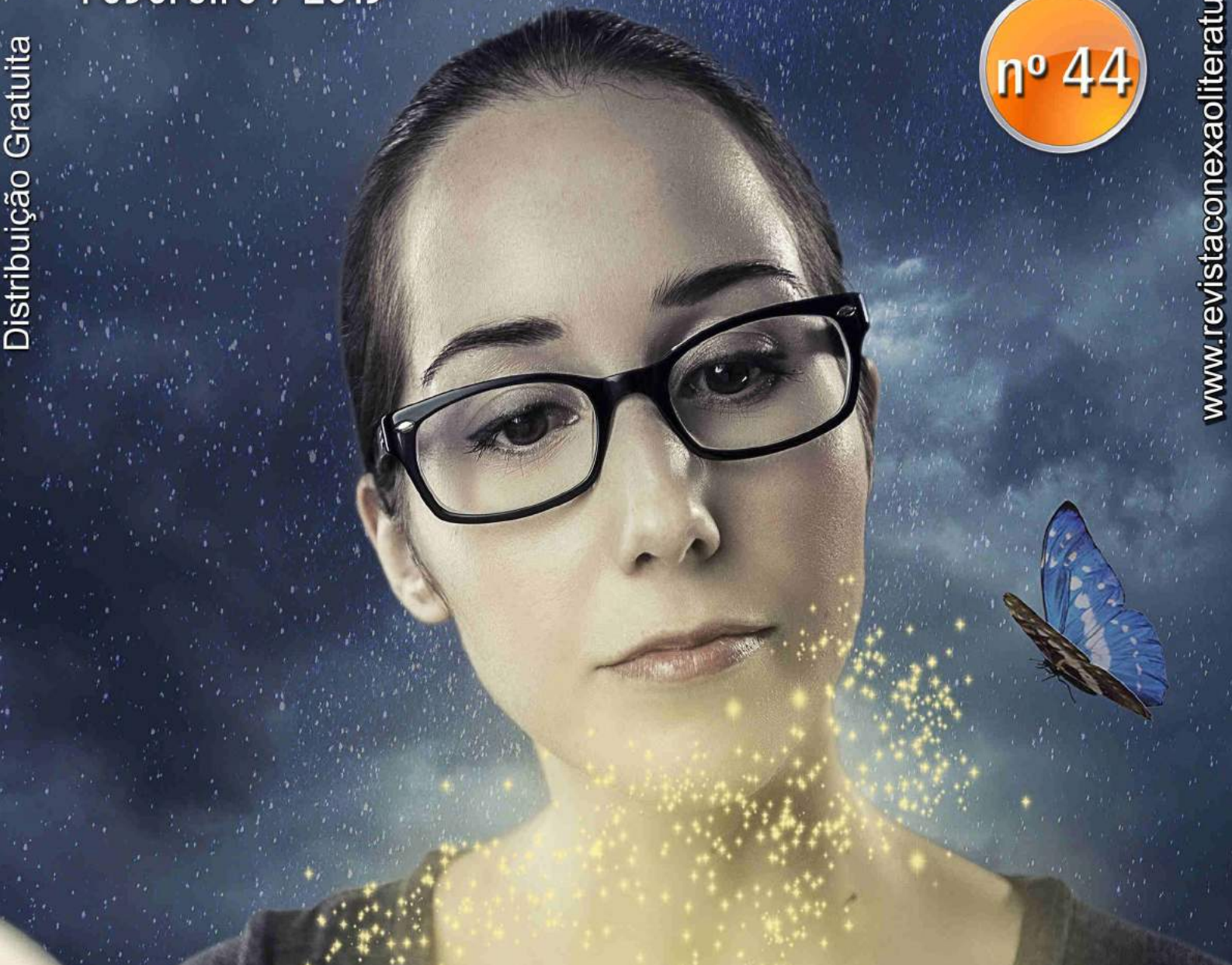
— conexão —

Literatura

Fevereiro / 2019

nº 44

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Incentivo à Leitura

POR UM BRASIL COM MAIS LEITORES

**FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES**



SUMÁRIO

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 04
Resenha de Breves Respostas Para Grandes Questões, por Rafael Botter, pág. 05
Livraria Conexão Literatura (Sugestões de livros), págs. 08 e 09
Resenha: Sementes Pódras (Netflix), por Rafael Botter, pág. 11
Entrevista com o autor Alexandre Mascarenhas, pág. 14
Entrevista com o autor Wellington Budim, pág. 20
Conto: "Avalon: Adeus, Arthur!", por Míriam Santiago, pág. 25
Conto: "Sheik e Adam", por Roberto Schima, pág. 30
Conto: "O Primeiro Dia", por Roberto Schima, pág. 37
Saiba como anunciar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 50

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Rafael Botter - Colunista/Colaborador

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa: Ademir Pascale. Imagem: Pixabay

Patrocinam esta edição:
Míriam Santiago - Roberto Schima - Wellington Budim

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe



A Revista Conexão Literatura alcança o patamar de ferramenta na divulgação de livros e autores e de incentivo à leitura, numa época em que algumas livrarias fecham as portas, o que nós que amamos livros temos que fazer é unirmos forças e trabalharmos em prol deste nosso objetivo: divulgar cada vez mais.

A nossa revista é gratuita para os leitores, então compartilhe com os seus amigos ;)

Em janeiro anunciei no site da revista e em nossa fanpage a capa do meu novo romance “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”, com previsão de lançamento para esse primeiro trimestre de 2019. Caso ainda não tenha visto, veja a capa nas próximas páginas desta edição, ou saiba mais: www.edgarallanpoe.com.br

Contos, dicas de livros, entrevistas e matérias especiais aguardam por você.

Para divulgar o seu livro ou anunciar em nosso site e próxima edição, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html



Ademir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar. Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Organizador e criador da obra “Possessão Alienígena” (Editora Devir), autor do romance “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”, a ser lançado no primeiro trimestre de 2019 pela editora Selo Jovem. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: ademirpascale@gmail.com



conexão Literatura



Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

www.dragoeditorial.com

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

dose-of-poetry.blogspot.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

suka-p.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

www.sugestoesdelivros.com

deusa1000.wixsite.com/leituracomcafe

www.encantoliterario.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

www.estantedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

esoportunovagao.blogspot.com.br

www.salaliteraria.com.br

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

viajandonossoslivross.blogspot.com.br

www.submersaempalavras.com

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura





Breves Respostas Para Grandes Questões

por Rafael Botter

Sinopse: Em textos inéditos, o físico e autor do best-seller “Uma breve história do tempo”, nos presenteia com seus pensamentos finais sobre as maiores perguntas da humanidade.

Desde Einstein, o mundo não via um cientista tão reverenciado quanto Stephen Hawking. Com seu trabalho revolucionário em física e cosmologia, ele encantou milhões de leitores com a origem do universo e a natureza dos buracos negros, além de inspirar

todos pela coragem e determinação que mostrou em sua luta contra a doença do neurônio motor. Agora, nesta reunião póstuma de seus trabalhos, podemos conhecer seus pensamentos a respeito das grandes questões que povoam nossas mentes desde os primórdios e daquelas mais prementes na atualidade.

Somos conduzidos assim a suas reflexões sobre a origem do universo, a existência de Deus e a natureza do tempo, assuntos

sempre submetidos a seu intelecto afiado de cientista. Aliado à curiosidade que o impulsionou por toda a vida, ele projeta seu olhar também para o futuro, buscando soluções para problemas que ameaçam hoje o mundo como o conhecemos, tais como o aquecimento global, a fome e a urgência de um desenvolvimento sustentável.

Impressões

Saudações literárias, queridos leitores da Revista Conexão Literatura, tudo bem com vocês? Espero que estejam todos bem. Vamos de indicação literária? Confesso que vai ser um grande desafio para escrever essa resenha, afinal, Stephen Hawking é meu ídolo maior na vida, ele é meu herói absoluto. Bora para o post?

“Breves Respostas Para Grandes Questões” é um compilado de vários textos escrito por Stephen Hawking ao longo dos anos, seja em entrevistas ou pesquisas científicas. Um livro que vai abrir os olhos para questões que o Mundo está presenciando.

Ficamos órfãos de um dos maiores gênios que já pisaram na Terra. Hawking nos deixou em 2018 aos 76 anos, foram anos



de inúmeras descobertas científicas, mostrando todo o cosmo de maneira acessível para nós, leigos e curiosos pelo Universo.

O ator britânico, Eddie Redmayne que interpretou o físico em 2014 nos cinemas, faz uma introdução brilhante no livro, contando um pouco de quando o jovem ator conheceu Hawking durante todo o processo de criação do longa.

Uma leitura rica em conhecimento. O leitor conhecerá um pouco mais de

uma mente brilhante que contribuiu de forma esplêndida.

Vale a pena? Com toda certeza! Leia de mente aberta, pois alguns temas abordados pelo

autor, pode gerar um certo desconforto, desde assuntos como a existência de Deus, passando por textos falando sobre o criacionismo/evolucionismo.

■ Título Original: Brief Answers To The Big Questions
■ Autor: Stephen Hawking
■ Editora: Intrínseca
■ Páginas: 255
■ Ano Lançamento: 2018

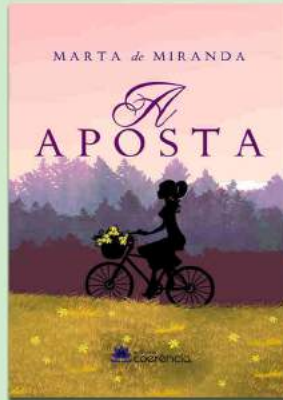
Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog Livreando: <http://www.livreando.com.br> e [Traveling Between Pages: http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br](http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br). E-mail: botter.rafael@gmail.com.

LIVRARIA CONEXÃO LITERATURA



Vencendo o desafio de escrever um romance
Ryoki Inoue

Acesse



A Aposta
Marta de Miranda

Acesse



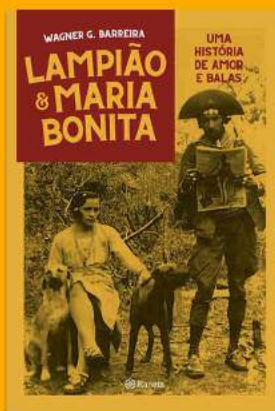
Colmeia dos Pesadelos
G. Fonseca

Acesse



À Sombra do Barco
Alexandre Mascarenhas

Acesse



Lampião e Maria Bonita
Wagner G. Barreira

Acesse



O Melhor do Cortella
Mario Sergio Cortella

Acesse

“O único conselho que alguém pode dar é esse: se você quer ser um escritor, continue escrevendo. E leia tudo o que puder, leia todas as coisas.” – Stan Lee

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Castelo de Cartas
Rita Fiacadori

[Acesse](#)



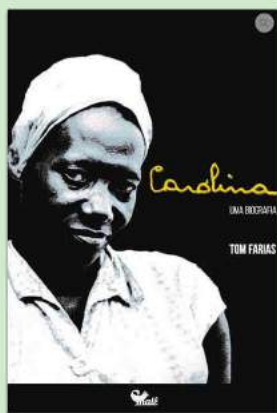
Breves respostas para grandes questões
Stephen Hawking

[Acesse](#)



Faces de uma precursora
Maria Firmina dos Reis

[Acesse](#)



Carolina: uma biografia
Tom Farias

[Acesse](#)



Histórias de leves enganos e parencças
Conceição Evaristo

[Acesse](#)



Dia bonito pra chover
Livia Natália

[Acesse](#)

“A leitura é uma forma de felicidade.”
- Jorge Luis Borges

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





**ANUNCIE NA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA**

CLIQUE AQUI

SEMENTES PODRES



NetFlix

Por Rafael Botter

Waël vive nos arredores de Paris dando pequenos golpes com Monique, uma mulher aposentada.

Sua vida se transforma no dia em que um amigo, Victor, oferece a ele, por insistência de Monique, um pequeno trabalho voluntário no centro de crianças excluídas do sistema escolar.

Wael se encontra gradualmente responsável por um grupo de seis adolescentes expulsos por insolência ou porte de armas.

Deste encontro explosivo entre "ervas daninhas" nascerá um verdadeiro milagre.

Impressões:

Sabe aquele filme do qual o espectador assiste sem pretensão alguma? Porém o longa vai evoluindo e você toma um verdadeiro soco no estômago, pois bem. Foi assim que aconteceu quando assisti "Sementes Podres".

O longa é uma comédia sobre a vida, com seus altos e baixos, além de uma carga dramática intensa, mostrando o passado triste e comovente do seu protagonista.

Wael é o personagem principal, sendo criado por uma senha, vivendo de trambiques e

confusões na periferia, mesmo sendo um sujeito envolvendo-se com inúmeras coisas erradas, Wael possui um grande coração, sua vida será transformada para sempre.

Uma série de fatores faz com que Wael acabe em um salão com seis jovens do qual possuem problemas de comportamento. O seu objetivo é ajudá-los para se tornarem pessoas melhores na sociedade.

O longa foi criando, escrito, dirigido e protagonizado pelo talentoso Kheiron, mostrando uma habilidade multifacetada, possuindo um toque biográfico ao tratar da questão dos imigrantes.

O roteiro de “Sementes Podres” merece uma menção honrosa, uma mescla bem equilibrada de comédia e drama, deixando os diálogos fluídos e intensos na medida certa, sem exageros.

Destaco um ponto positivo: quando o personagem principal necessita encarar algumas decisões e relembrar o seu passado, do qual leva o espectador para infância pobre e sofrida de Wael.

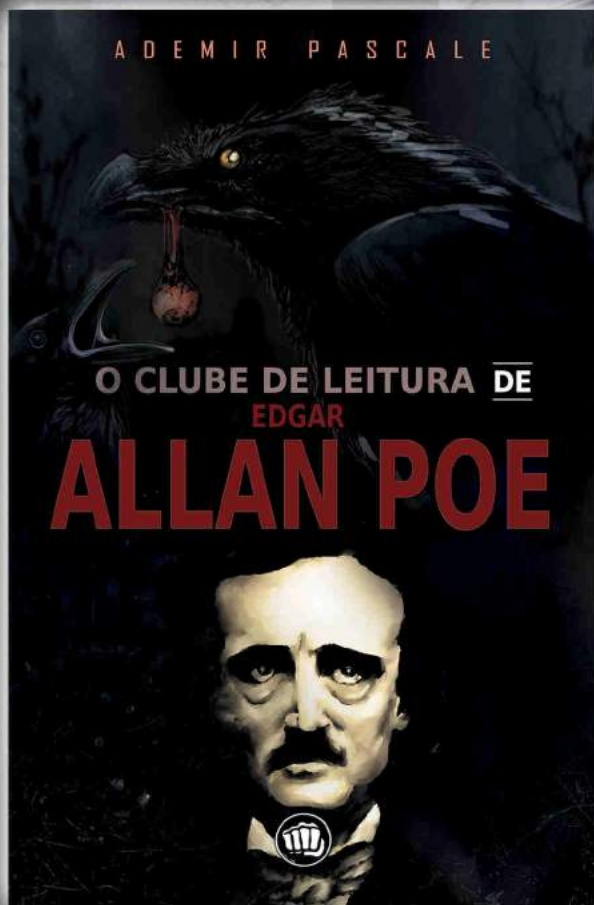
Esse filme é mais que indicado, deve ser apreciado intensamente, vamos ter uma noção do complexo sentido da vida através dos olhos de Wael.

Título Original: Bad Seeds
Direção: Kheiron
Ano Lançamento: 05 de Junho de 2018
Duração: 01h40 min
Elenco: Kheiron, André Dussolier, Catherine Deneuve, Alban Lenoir e Adil Dehbi.
Gênero: Comédia
Origem: França

Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog **Livreando:**
<http://www.livreando.com.br> e **Traveling Between Pages:**
<http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br>. E-mail: botter.rafael@gmail.com.

Lançamento em breve

O CLUBE DE LEITURA DE EDGAR ALLAN POE



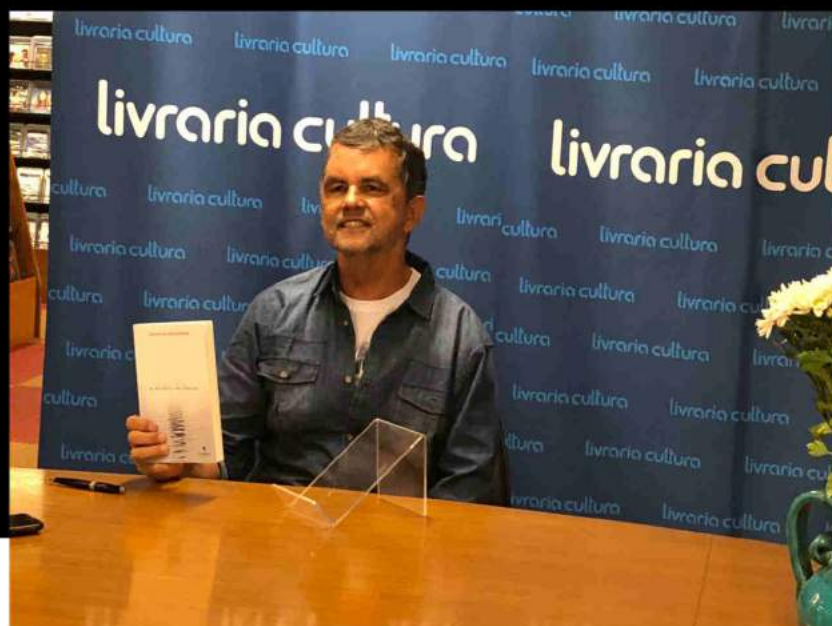
VISITE:

www.edgarallanpoe.com.br

ALEXANDRE MASCARENHAS

Autor do livro "À Sombra do Barco"

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



É graduado em Comunicação Social (Jornalismo), pela Universidade de Brasília (Unb, 1980); Mestre em Educação, pela Universidade Católica de Brasília (UCB, 2010); professor no curso de Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Cinema), IESB, 2006/2009. Autor do romance *À sombra do barco* (Chiado Editora, 2017), uma história narrada por um professor, em sala de aula, com uma turma da disciplina Ética, Sociedade e Publicidade. Autor do livro de contos *Abra a boca e cale o bico* (Editora Thesaurus, 1991), uma coletânea com 10 narrativas curtas na esfera do Realismo Fantástico; autor do livro de poesias *Folhas Partidas* – edição própria.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Alexandre Mascarenhas: A minha formação em Comunicação Social (Jornalismo) teve, de fato, uma forte influência na descoberta do

meu interesse pelo campo da produção de textos. Para aprender a escrever você precisa se tornar um viciado em leitura, dizia um professor de redação jornalística da Universidade de Brasília, olhando-me fixamente, sem piscar. Se existiu um início, foi, sem dúvida, por aí que comecei. Inventava tempo para

ler em meio a um curso agitado que exigia a nossa participação dentro e fora de sala. O conteúdo teórico e a prática da escritura de textos jornalísticos — reportagens, matérias, entrevistas — misturavam-se a uma crescente mobilização dos estudantes contra a ditadura militar. Contra a tortura. Contra os assassinatos. A favor de uma educação de qualidade; a favor da criatividade e da liberdade de expressão. Foi nesse contexto que ingressei em múltiplas atividades culturais, por intermédio do cinema, da dramaturgia e da poesia. Um pouco depois, vieram as narrativas curtas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “À Sombra do Barco” (Chiado Editora). Poderia comentar?

Alexandre Mascarenhas: O meu primeiro romance, ‘A sombra do barco, tornou-se uma imposição que começara a crescer de modo mais intenso no período em que eu ingressei na carreira docente e assumi disciplinas no curso de

Comunicação Social do Instituto de Educação Superior de Brasília, IESB. Sem me dar conta em um primeiro momento, enquanto construía o conhecimento junto aos estudantes, tomava forma a voz do narrador de uma história que já estava ali e precisaria o quanto antes ser escrita. Estava claro de que não se tratava de uma narrativa breve, como ocorrera antes com o livro de contos, *Abra a boca e cale o bico* (Editora Thesaurus, 1991). Portanto, o jornalista professor estava diante do desafio de escrever um romance.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Alexandre Mascarenhas: No final de 2013, já durante o mês de dezembro, eu tomei a decisão de iniciar a produção do romance, que ainda não possuía um título definitivo. Mas antes de escrever a primeira linha, decidi que seria útil realizar por minha própria conta uma pesquisa sobre

“estrutura narrativa”, sobre as principais características do gênero romance. Lembro que eu acreditava que este seria um momento de encontrar e/ou desenvolver as principais ferramentas com as quais eu pretendia *criar a vida*, como sugere James em seus Prefácios. Sobre o início de uma obra, Henry James diz que “surgem, talvez, aqui e ali, inusitados reflexos que projetam sombras. Súbito, elas se movem”. James fala em “a sombra da sombra”. Está à procura de um germe que vai “desabrochar nos jardins da vida”. Busca, portanto, uma inopinada intuição, uma “vibração”. Um “lampejo”.

Logo no início da tal pesquisa, deu com *A poética de um romance: matéria de carpintaria*, de Autran Dourado. Foi uma leitura instigante e surpreendente, como quem encontra uma garrafa com um mapa antigo dentro dela. Lembro que senti uma pontada de entusiasmo; era um mapa interessante e eu poderia adotar aquela narrativa para criar um plano para o meu romance, ou

como se refere Dourado, uma “planta baixa”. Dividi o romance em 08 blocos. Depois passaria a escrever cada um deles, sem necessidade de manter uma sequência, podendo interferir em cada um aleatoriamente. Paralelamente, enquanto colocava em prática este primeiro impulso, encontra em Samuel Beckett uma pista para contribuir com a expressão do silêncio, do indizível, uma maneira de dizer através do não dito, o *interdito*. Ainda com Beckett, assimila e usa como louco o princípio de “recursividade”. Entre as fontes mais significativas que emergiram nessa pesquisa e influenciaram a definição de um estilo, pode-se destacar, entre outros, Cristóvão Tezza, Vladimir Nabokov, Clarice Lispector, Edgar Allan Poe, Mikhail Bakhtin, Júlio Cortázar, George Lukács e Ítalo Calvino. O processo de pesquisa e escrita de *A sombra do barco* foi concluído no final de 2016. Durante 2017 foram feitas as articulações necessárias para encontrar e negociar com a

editora responsável pela publicação do livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Alexandre Mascarenhas: Já na terceira e última parte do livro (*o limite*), o narrador topa o desafio de escalar uma serra repleta de abismos e cenários deslumbrantes, por uma das estradas mais perigosas do planeta:

“Os olhos dela, recorro — e isso não vai se apagar —, brilhavam como se emitissem raios de luz. E realmente fazem isso. Tudo que ela diz, então, é em profundo silêncio. Que rumor? Só o início; a poucos metros do início. Por isso o fim de tudo. A pista de concreto como se fossem levantar voo. Os infindáveis tons de verde em contato com o azul lícido e fixo; elementos que ela colhe com gigantesca atenção e usa depois, quase em transe e, de fato, profundamente emocionada. Seus traços. Os passos ainda mais lentos de cá para lá

ALEXANDRE MASCARENHAS



tentando entender a sutil linguagem das folhas, seus galhos e ramos. Como se fosse impossível subir”. (*À sombra do barco*, 2017, p. 198)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Alexandre Mascarenhas: Os interessados em comprar o livro,

tanto na versão física quanto digital, podem acessar o seguinte link:

<https://www.chiadobooks.com/livraria/a-sombra-do-barco>

Para os que necessitam mais informações sobre o autor ou outras maneiras de comprar: alex Mascarenhas1@gmail.com / (61) 99404-1447.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Alexandre Mascarenhas: Por enquanto, o foco é a divulgação deste romance e a tentativa de obter visibilidade.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Cem anos de solidão”, Gabriel Garcia Márquez.

Um (a) autor (a):

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

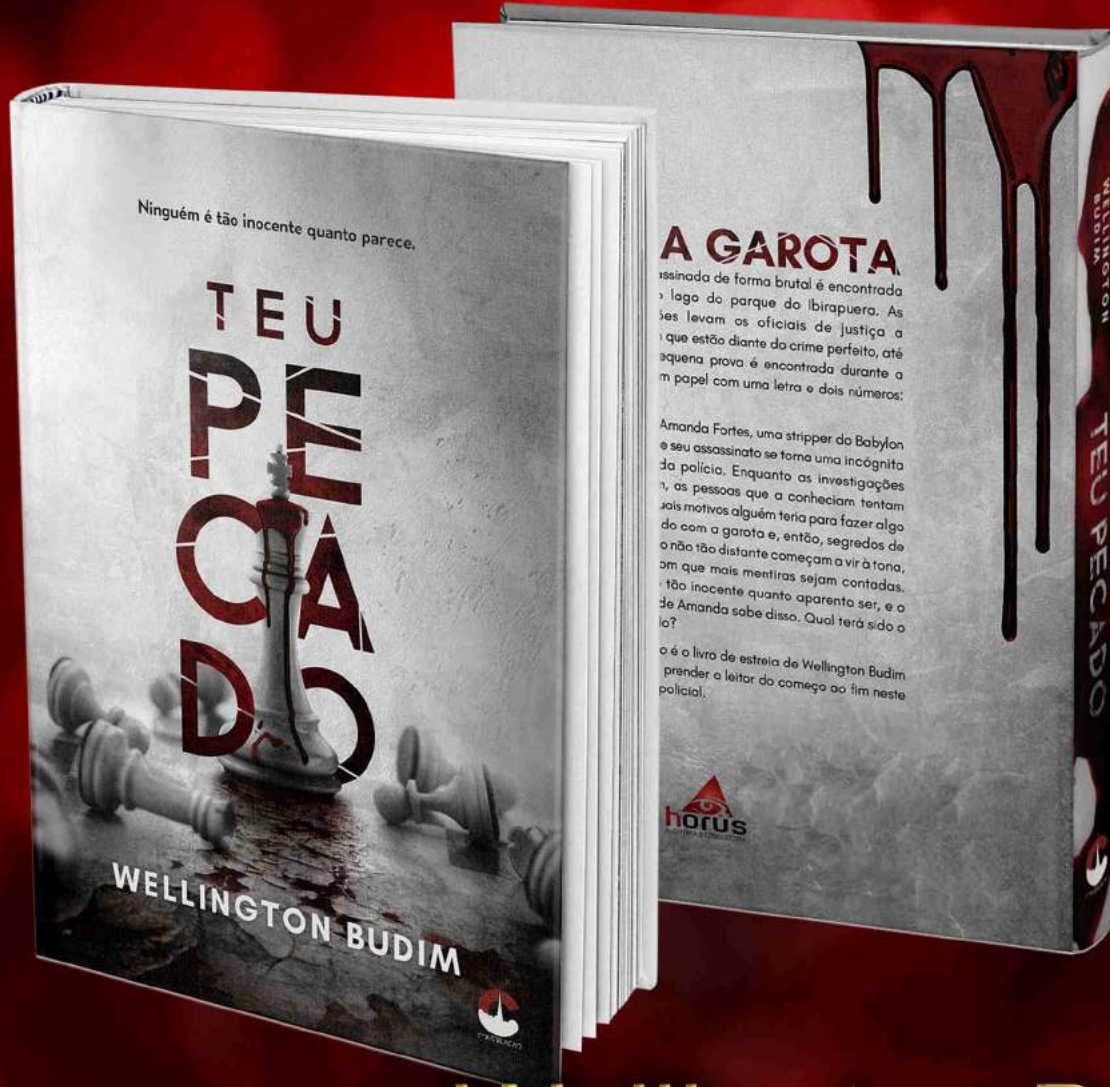
Um filme: “Laranja mecânica, Stanley Kubrick.

Um dia especial: Libertação do Lula.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Alexandre Mascarenhas:

Muito obrigado à CONEXÃO LITERATURA pelo espaço e profissionalismo!



Wellington Budim

Sinopse

Uma garota que foi assassinada de forma brutal é encontrada boiando no lago do parque do Ibirapuera. As investigações levam os oficiais de justiça a acreditarem que estão diante do crime perfeito, até que uma pequena prova é encontrada durante a autópsia. Um papel com uma letra e dois números: R67. A garota é Amanda Fortes, uma stripper do Babylon Night Club, e seu assassinato se torna uma incógnita nas mãos da polícia. Enquanto as investigações prosseguem, as pessoas que a conheciam tentam entender quais motivos alguém teria para fazer algo tão hediondo com a garota e, então, segredos de um passado não tão distante começam a vir à tona, fazendo com que mais mentiras sejam contadas. Ninguém é tão inocente quanto aparenta ser, e o assassino de Amanda sabe disso. Qual terá sido o seu pecado? Teu pecado é o livro de estreia de Wellington Budim e promete prender o leitor do começo ao fim neste suspense policial.

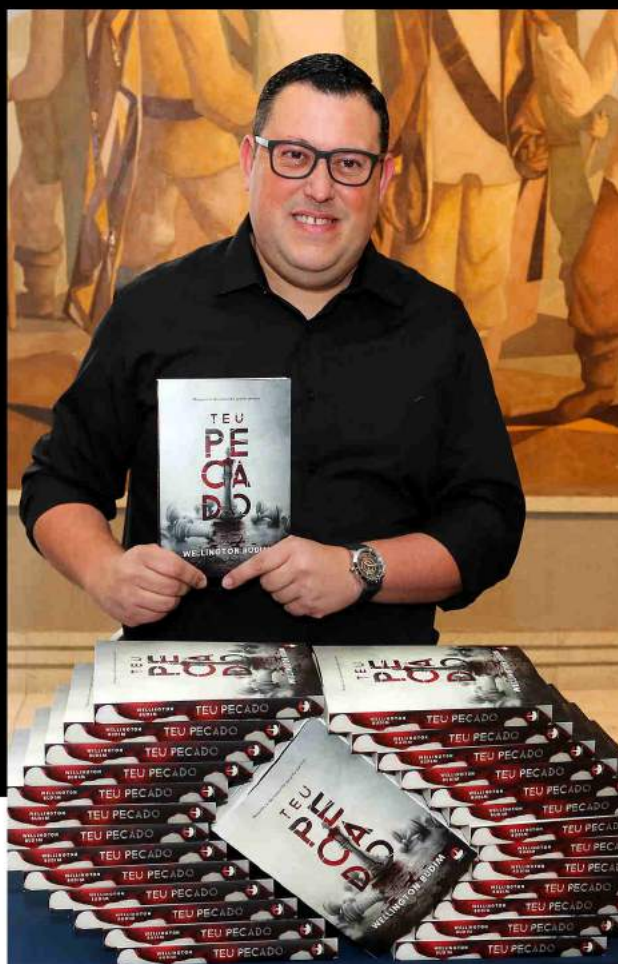
SAIBA MAIS:

www.facebook.com/teupecadooficial

WELLINGTON BUDIM

Autor do livro "Teu Pecado"

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



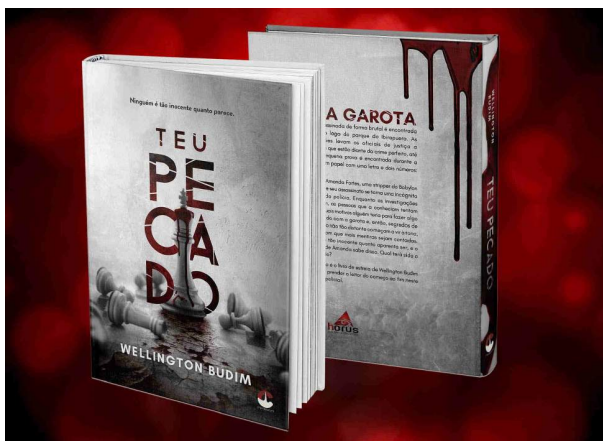
Wellington Budim nasceu no dia 10 de março de 1979 em São Paulo. Graduou-se em Letras e cursou Roteiro. Atua como pesquisador no Acervo Fotográfico da Editora Abril. Descobriu muito cedo a paixão pelos livros e familiarizando-se à leitura, sentiu a necessidade de construir suas próprias histórias. Decidiu então que era o momento de compartilhá-las, publicando seu suspense policial de estreia; Teu Pecado, considerado o Best Seller da editora e vencedor do Prêmio Belas Artes da Literatura 2018. Autor dos Contos Entre Andares e Desolação Krumer publicados nas antologias Quando a noite cai e Horror Show.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Você é autor de Teu Pecado, uma obra na qual você criou personagens humanos e não fantasiosos. Fale mais sobre seus personagens.

Wellington Budim: Quando a ideia do enredo me surgiu, uma das coisas com que mais me preocupei foi justamente isso,

criar uma história onde os personagens fossem tão humanos quanto eu ou qualquer um dos leitores. Não usei estereótipos, não criei rótulos, não quis simplesmente dividi-los em mocinhos ou bandidos, heróis ou vilões. Criei homens e mulheres, crianças e adultos que enfrentaram problemas, que



acertaram e erraram em suas escolhas, amaram e odiaram com a mesma intensidade. Cometeram pecados como qualquer outra pessoa. Uma vez alguém me disse que ninguém é cem por cento bom ou mau. Que cabe a nós dosarmos essas duas medidas. Eu guardei isso comigo e refleti muito quando criei cada um dos quase quarenta personagens.

Conexão Literatura: Você ganhou recentemente o Prêmio Belas Artes de Literatura 2018, ficando em 1º lugar. Conte pra gente como foi o processo da inscrição e como foi o momento em que você ficou sabendo que foi o vencedor.

Wellington Budim: Eu estava no Rio de Janeiro em uma feira literária, no primeiro dia do mês de dezembro, quando recebi

uma mensagem no meu whatsapp avisando que meu livro estava entre os quatro finalistas e que a votação, através de curtidas na foto da capa, havia começado. Eu demorei um tempo para entender o que estava acontecendo e quando realmente entendi, comecei a pedir votos lá mesmo na feira. A votação foi encerrada no dia 20 e o anúncio do vencedor só no dia 25. Tivemos cinco dias de ansiedade. Quando acordei na manhã de natal, vi que tinha mensagens de amigos que souberam primeiro que eu e estavam me parabenizando. Foi o melhor presente que eu poderia ganhar.

Conexão Literatura: No seu ponto de vista, qual a importância dessa premiação em sua carreira literária?

Wellington Budim: É uma importância muito grande. Ainda mais vindo por um primeiro trabalho. Cinco meses após o seu lançamento. As vezes ainda me pego questionando se tudo o que tem acontecido desde o momento em que me lancei

como autor é realmente verdade, se não estou sonhando. Não é uma tarefa fácil ser escritor. Os obstáculos são muitos e a desmotivação é cada vez maior. Um prêmio como este te faz esquecer de todas essas coisas e focar apenas no que interessa, o reconhecimento.

Eu vejo muito além do certificado, do troféu, esse prêmio deu-se pela votação popular, havia comentários e elogios dos leitores, o que me trouxe orgulho, satisfação e a certeza de que estou no caminho certo. Qualquer que fosse o resultado eu já me sentiria feliz, porque em um país onde a literatura é tão desvalorizada, nós autores nacionais somos sim guerreiros sobreviventes.

Conexão Literatura: Você pretende participar de novos concursos culturais?

Wellington Budim: Se houver oportunidade pretendo sim. Como dizem, o não nós já temos, por que não tentar o sim?

Conexão Literatura: Sobre a sua obra, como o leitor interessado

deverá proceder para adquirir um exemplar e saber mais sobre o seu trabalho literário?

Wellington Budim: O livro esgotou na editora a qual foi publicado. Mas recentemente recebi uma proposta de outra casa editorial para a segunda edição agora em 2019. Edição esta que vira com uma surpresa; exemplar de colecionar em capa dura.

O leitor que tiver interesse em saber mais sobre este livro ou qualquer outro trabalho pode entrar em contato comigo em uma das minhas redes sociais Facebook e Instagram: Wellington Budim.

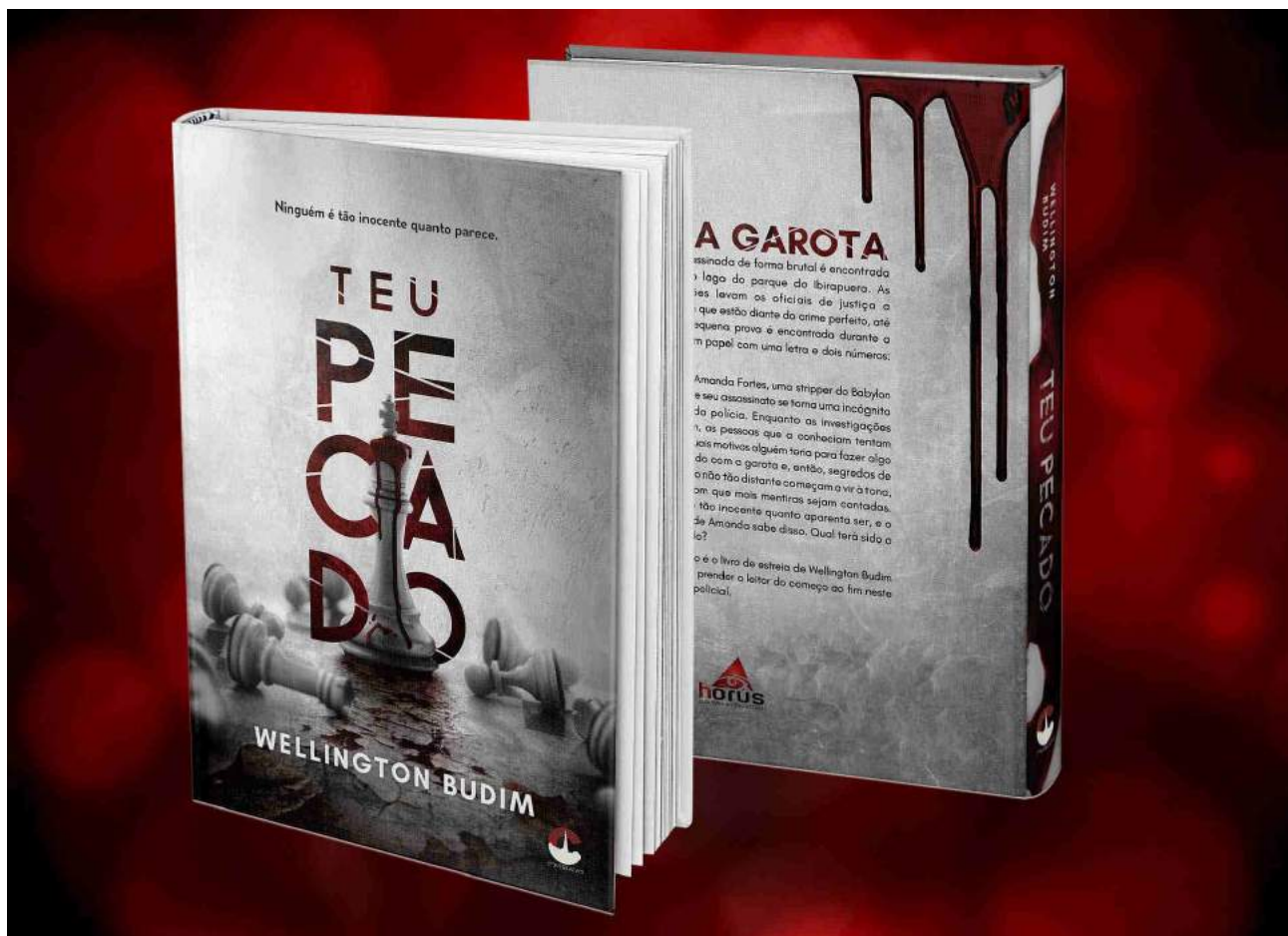
Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Wellington Budim: Sim. Na véspera de natal revelamos a próxima obra, intitulada “*Aldeia dos Mortos*” e disponibilizamos o Book Teaser nas redes sociais.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Wellington Budim: Quero aproveitar para agradecer todas as pessoas que contribuíram curtindo a foto do livro, e especialmente a Horus RM que

não só patrocinou a publicação de Teu Pecado como contribuiu para todo o sucesso. Esse prêmio com toda certeza é nosso.



Para saber mais sobre o livro, acesse: <https://www.facebook.com/teupecadooficial>

LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess

sees the things we can't brush into place
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
my. "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
"I'm not sleeping."
the white door
le
night.

Avalon: Adeus, Arthur!

por Míriam Santiago

Trata-se de Fanfic do romance “As Brumas de Avalon” - capítulo final

“Morgana não precisava mais chamar a barca, só precisava caminhar através das brumas e chegar a Avalon. Sua tarefa estava cumprida”.

Marion Zimmer Bradley

As Brumas de Avalon – final do livro 4: “O prisioneiro da árvore”

Cuidadosamente quatro criados de Morgana colocaram o homem sem vida dentro da barca, cujas roupas ensanguentadas e rasgadas escondiam a sua identidade real. Os cabelos louros sujos de sangue e de barro ainda brilhavam quando refletidos aos tímidos raios de sol.

Morgana sentou-se ao lado dele e colocou a espada em cima de seu corpo.

“Sentei-me na barca também, ao lado de minha prima Morgana”.

Sob o comando dela, Kevin, o irmão mais novo de Raven – que outrora fora a melhor e fiel amiga de Morgana, seguindo-a até o fim de

seus dias –, começou a remar lentamente. Partimos no lago de águas cinzentas e calmas no mais profundo silêncio.

Ao chegarmos ao atracadouro, dez pessoas nos aguardavam. Retiraram o corpo da barca, deitaram-no em uma liteira feita de tronco de carvalho e de couro de gamo toda enfeitada com folhas de macieiras, tiraram as vestes rasgadas do rei e limparam seu corpo, até que sua imagem surgisse novamente aos olhos de todos. A espada (Excalibur) foi colocada mais uma vez sobre seu corpo. Vestes brancas realçavam a pureza da alma do rei, que sempre em batalha, protegeu o seu povo de bárbaros e dos bretões, mas não foi capaz de se proteger de seu maior inimigo, seu próprio filho.

Pronta, a liteira foi levantada e o cortejo rumou para onde ele seria sepultado; num lugar que Morgana havia preparado somente para ele, pois, ela mesma afirmou: “Arthur deve ser enterrado em Avalon, porque só em solo sagrado da Deusa Mãe é que ele poderá dormir tranquilamente sem que perturbem seu túmulo com rezas de uma crença que não é a dele. Como ele fez juramento que nos protegeria, desta forma poderá olhar por nós, pois estará aqui na ilha conosco para sempre”.

“E aqui estou eu, ajudando minha prima a concretizar seu desejo, que, afinal de contas, acho que é o mais

certo a fazer. Conseguimos encontrar o corpo de Arthur em meio a tantos outros; não vimos o de Mordred, será que ele realmente está morto? Ou será que ele derrotou, com sua espada banhada em ódio, o coração inviolável de seu pai? Mas acredito que ele também esteja morto sim, pois essa batalha, a última de meu rei e protetor de toda a Bretanha, não teve vencedores. Havia mortos por todos os lados misturando-se entre os que seguiam o bem e os que preferiram o mal. Sangue e restos de uma luta sem sentido porque outrora Mordred poderia ser o futuro rei, como único descendente”.

Na frente caminhavam, Morgana, de roupa negra ao lado de Galahad (Lancelote), seguidos de três mulheres da Ilha também vestidas com túnicas pretas e pinturas azuis nos rostos carregando flores, o corpo de Arthur sendo levado por dois homens e mais três mulheres atrás, guardiãs de Avalon. Todos os que acompanhavam jogavam pétalas ao chão, para aromatizar o caminho por onde passava o rei. As filhas da Ilha tocavam harpa e canções provenientes do lugar. Morgana, apesar da frieza, deixava escorrer lágrimas de seus olhos negros, que agora com mais idade, não brilhavam como antes, quando Lancelote a conhecera ali mesmo.

Já estavam perto de onde Arthur seria sepultado, ao lado do poço sagrado,

onde uma cova aberta e mais pessoas aguardavam por eles.

– Antes que você pergunte Galahad, ele será enterrado ali porque é o local mais seguro da ilha. Como não terá nenhuma marca ou símbolo indicando que o rei repousa ao lado da água sagrada, após o enterrarmos, a terra receberá flores brancas, que simbolizam a paz eterna – diz Morgana.

As mulheres ajudaram os homens a descer a liteira e a mesma foi colocada em cima de um tronco, para que as rezas da ilha fossem exclamadas. Morgana, como a grande Sacerdotisa e Senhora se encarregou de prosseguir com a bênção. Enquanto ela falava, uns continuavam com a harpa e outros jogavam as pétalas sobre o corpo do rei. Antes que o corpo fosse colocado na cova, Morgana e Lancelote abaixaram-se em frente ao rei para a última despedida, e os demais, fizeram um círculo ao redor deles.

“Olhei fixamente para minha prima e pude compreender todo o sofrimento que ela sentia naquele momento, toda a amargura de uma vida inteira mergulhada em ódio, amor e frustração. Pude captar por sua mente aberta, e que fora um dia a moça ingênua que conheci até ela se tornar aquela mulher poderosa, como minha mãe Viviane, a Senhora do Lago, outrora também o foi. No entanto,

Morgana falou baixinho; as palavras ecoavam do fundo de seu ser”.

– Lembro-me de quando cheguei neste lugar, trazida por Viviane para receber os ensinamentos sagrados, para ser a próxima sacerdotisa que assumiria o lugar dela e tomaria conta da Ilha e de seus filhos. Eu, a princesa de Tintagel e filha do Duque Gorlois da Cornualha, filha primogênita de Igraine, cuja beleza seduziu o maldito Uther, o Pendragon. Foi ele quem começou com essa conquista pelo poder, pela posse. Uther, que por amor a minha mãe, traiu e matou meu pai, casando-se com ela e gerando Arthur. Se ele não tivesse aparecido em nossas vidas, talvez nada disso acontecesse; quisera Arthur nunca ter sido meu irmão, meu rei e amante. Quisera Mordred ter sido filho de outra pessoa, que lhe tivesse dado amor, ao invés de desprezo. Quisera outra vida sem feitiçaria, sem luta pelo poder e pelos costumes da Deusa. Quem sabe eu não estivesse aqui ajoelhada pedindo perdão pela morte de meu irmão, pois também o trai. Se eu...”

– Espere, veja Morgana, do outro lado da ilha... – disse uma das moças. E todos se voltaram para os cavaleiros que percorriam as terras a procura do corpo do rei. Lá estavam Gawaine, Cai e os outros homens de Camelot. Eles moviam-se de um lado para outro. Foi quando Gawaine, com um sinal, juntou todos e, tirando as

armaduras pesadas, montaram nos cavalos e entraram no lago. Vinham em direção à ilha. Morgana e Lancelote se levantaram e apreensivos, observavam os cavaleiros do rei aproximando-se. Os nativos se dispersaram e aguardavam rentes à margem.

Os homens, cada vez mais profundos nas águas não desistiam. Cai, dono de uma visão espetacular, apontava para Avalon como se estivesse avistando algo.

Rapidamente Morgana e o primo ordenaram que enterrassem o rei. Cobriram a cova e a despistaram com flores em cima, como se fosse um jardim. “Pelo menos não acharão o túmulo”, pensou a sacerdotisa.

Daquela profundidade os soldados de Arthur não tinham mais como prosseguir com os cavalos. Desceram dos animais e ordenaram que voltassem e começaram a nadar.

Foi quando Morgana lembrou-se da magia da névoa. Correu até a margem

do lago e num gesto rápido ela fechou os olhos, esticou os braços além de sua cabeça e com as mãos esticadas para o céu, baixou-os rapidamente, e com eles, a névoa, que em poucos segundos, fez os cavaleiros perderem o rumo, e os homens começaram a nadar em círculo, até que desistiram e voltaram à margem. Cansados, vestiram as armaduras e foram embora.

E a tranquilidade voltou novamente. Com os cavaleiros longe dali Arthur mesmo enterrado as pressas sem as honrarias finais de Morgana, os filhos da ilha terminaram as homenagens brindando sua memória em uma noite de dança e festa.

Morgana deixou que a névoa permanecesse para proteger a todos, e, desta forma, a bruma não mais se dispersaria, envolveria Avalon para sempre dos olhos do mundo cristão. Estariam desta forma protegidos do resto da humanidade.

As Brumas de Avalon

Em inglês: *The Mists of Avalon* é uma obra de 1979 da escritora estadunidense Marion Zimmer Bradley feita em quatro volumes. É ambientada durante a vida do lendário Rei Arthur e seus cavaleiros e tem por escopo narrar a já conhecida lenda arturiana a partir de outra perspectiva, protagonizada por mulheres. A história ganhou quatro volumes:

- A Senhora da Magia
- A Grande Rainha
- O Gamo-Rei
- O Prisioneiro da Árvore

Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, poesia, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>. Contato: miriansssantos@gmail.com.

LIMBOGRAPHIA

por Roberto Schima



Vinte contos de ficção científica e fantasia em sua maior parte, entre os quais a história "Como a Neve de Maio", vencedora do Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record).

Olhe lá fora. A noite caiu e as estrelas continuam a brilhar no céu como antigamente, embora já não tão nítidas. Aparentam estar ao alcance de nossas mãos. Está vendo?

Existe o silêncio. Existe o mistério. Existe o sonho.

Respiremos fundo o ar frio e úmido: Fechemos bem os olhos e, com toda a paixão...

Ergamos os braços.

Roberto Schima

Nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/1961. É neto de japoneses, por mais que o seu sobrenome pareça alemão. Faz ilustrações, escreve contos e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018.

Informações: Google e sites do gênero.

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



Para obter o livro (edição em papel - com ou sem capa dura - ou digital):

<https://www.clubedeautores.com.br>

<https://www.agbook.com.br>

SHEIK E ADAM

por Roberto Schima



Era uma vez um cãozinho chamado Sheik.

Era um filhotinho de pastor alemão, todo pretinho, orelhinhas caídas, um rabinho sem graça e pelado, pois viera doentinho. Foi tratado até o pêlo crescer na cauda e, bem alimentado, rapidamente ficou gordinho.

Viera para casa a fim de ser o poderoso cão de guarda, após o casal que o adotara ter tido uma bicicleta furtada do quintal.

Seu nome fora dado pela "mãe", com base em um cãozinho de rua que conhecia. Por que este

recebera tal nome ficou para sempre sendo um mistério. A princípio, ela ficara cismada. Era o seu primeiro cãozinho e, durante toda a vida, sempre tivera medo de cachorros.

Mas esses "pais" humanos precisavam trabalhar e Sheik passava o dia inteiro no enorme quintal de casa sozinho.

Uma senhora idosa, mais tarde, meio com dó e meio querendo sossego, veio avisar:

- Ele fica chorando o tempo todo!

Porém, na ocasião, não havia muito o que fazer além de tentar

subornar o choro do Sheik com brinquedos, um cobertorzinho mais macio ou algo assim.

Finalmente, embora já estivesse maior, para evitar olhares de censura, o casal pôs-se a pensar numa solução.

- Hum, acho que não tem jeito - disse o "pai".

- O que quer dizer? - perguntou a "mãe".

- Sheik precisa de um irmãozinho.

- Outro? - indagou.

- Para fazer companhia. Ele se sente muito solitário.

- Mas e se os dois se sentirem assim e, em vez de um, teremos dois chorões atazanando a vizinhança?

Era um risco de fato. Mas tinha que ser corrido.

A primeira tentativa que surgiu foi a de uma "irmazinha". Embora o Sheik tivesse demonstrado um misto de curiosidade e animação, a diferença de tamanho entre os dois era enorme. E bastou ele colocar uma de duas patas sobre ela e esta soltar um ganido de dor para perceber que, infelizmente, não daria certo. Era pequena e delicada demais. Ele poderia esmagá-la sem querer enquanto o casal estivesse fora.

Então, através de colegas de trabalho, souberam de uma casa onde uma família estava vendendo filhotes de husky, cuja fêmea dera cria recentemente.

Foram até o lugar, no centro da cidade, um sobrado geminado próximo a uma abandonada linha de trem.

A maior parte dos filhotes já havia sido vendida e sobraram somente dois: um que a própria família pretendia conservar para si e o outro que ninguém quis: era gordinho de orelhas caídas e jeito um tanto desajeitado por assim dizer. Talvez por isso e pelas orelhas caídas ninguém se interessara por ele.

- Chama-se Adam - prontificou-se a dizer o garoto da família.

- Adam? Por quê?

- É por causa do Adam do "Power Rangers" - respondeu o menino como se fosse a coisa mais óbvia do universo inteiro.

Os "pais" do Sheik adquiriram o Adam e levaram-no para conhecer a nova casa e o seu novo irmão. Acharam "Adam" um bom nome e não viram razão alguma para alterá-lo.

A princípio, Adam ficou apavorado com o Sheik. Embora ainda fosse um bebezão de coração mole, Sheik crescera consideravelmente e, em comparação ao Adam, era um verdadeiro gigante. Logo de cara, o pequeno husky foi se esconder debaixo do carro da família - o Sheik já não conseguia se enfiar lá -, porém, apesar do medo, Adam já deu mostra de seu temperamento, rosnando: "Sou pequeno, mas sou

valente!", parecia dizer na segurança de seu esconderijo.

Isso foi um alívio para os "pais" ao pensarem na primeira experiência com a filhotinha. Adam, apesar de pequenino, era robusto, e sua valentia dizia que ele não tardaria a fazer frente ao outro.

O Sheik por seu turno, ficou todo abobado diante da presença de seu novo companheirinho. Carente e inteligente como ele só, logo percebeu que o Adam surgira para ser o seu amiguinho, o seu "irmão". E, apesar do tamanho intimidador, fez-se de dengoso para tentar atrair o irmão de sob o veículo.

- Vai, Adinha, vai brincar com o Sheik! - incitaram seus "pais".

E não levou muito tempo para o Adam, por seu turno, perceber que aquele grandalhão, no fundo, só tinha tamanho e não passava de um poodle gigante, cujo coração era tão grande quanto a própria estatura. Logo, estava subindo em cima do outro, brincando, rosnando, tentando morder as orelhas daquele, infernizando-lhe a vida como se pretendesse que o Sheik se arrependesse de ter nascido ou para pagar os pecados que tivesse cometido e aqueles que viesse a cometer.

E, assim, tornaram-se companheiros inseparáveis.

Onde um ia o outro estava atrás. Corriam, brincavam,

dormitavam juntos e, como todos os irmãos, também tinham os seus arrancarrabos.

Era bonito vê-los juntos, o pastor alemão e o husky siberiano. O "pai" orgulhoso dos garotos peludos chegou a apelidá-los de Tom Cruise e Brad Pitt, respectivamente, por causa dos olhos castanhos de um e dos olhos azuis do outro.

A "mãe" aprendeu a não mais temer os cachorros, pelo contrário. Sheik principalmente ensinou-a a amá-los, a compreender seus comportamentos e a admirar sua inteligência, meiguice, caráter e seu amor incondicional.

Um dia, pelas circunstâncias da vida, o casal precisou se mudar de casa para uma outra cidade.

Naquele tempo não havia um cuidado maior para o transporte de animais de estimação e eles iam simplesmente na carroceria do caminhão-baú junto com a mobília. Nenhum dos dois queria ir. Não entendiam o que estava acontecendo. Estariam sendo abandonados? O medo era evidente. Tentou-se, de início, colocar o Adam no caminhão. Ele era menor e, concluiu-se, seria mais fácil. Que nada. Era a prova viva de que tamanho não era documento. O danado não só possuía uma força de vontade inabalável como era tremendamente forte. Por fim, optou-se pelo Sheik e, para surpresa de todos, conseguiu-se colocar o poodle

gigante dentro da carroceria. Nesse exato momento, uma surpresa maior: receando ser separado do irmão, o Adam, que até então resistira a todos os esforços, correu para tentar saltar para o interior do caminhão, menos preocupado com a própria segurança do que estar junto daquele a quem amava.

- Ora, vejam só!

E lá foram eles para a nova casa.

Aos poucos, tudo pareceu voltar ao normal.

Os anos foram passando e eles, já crescidos, continuavam a brincar e, às vezes, a brigar. Tornara-se mais difícil apartar os dois quando se engalfinhavam. O Sheik, apesar de manhoso, sempre se achara o líder, fora o primeiro e era maior e mais forte. Porém, numa das últimas brigas, Adam conseguira dar-lhe uma mordida na pata. Isso estremeceu um pouco essa segurança do pastor alemão, entretanto, em nome da boa paz, Adam continuou a respeitar a posição do irmão mais velho. Quando algo chamava a atenção na rua - como um cãozinho vira-lata preto que vinha de vez em quando latir em frente só a título de desaforo -, o Sheik reinava absoluto junto ao portão, correndo e latindo em desafio.

Adam, silencioso e arguto, não sabia latir, mas uivar feito um lobo, porém, nesses momentos de adrenalina preferia ficar

respeitosamente sentado alguns passos atrás, observando atentamente, mas em silêncio.

Mas nada poderia durar para sempre em um mundo que não era o de faz-de-conta.

Um dia, contando já nove anos, Sheik caiu doente. Suas patas incharam, havia ferida nos cotovelos, seu olhar ficou tristonho. O veterinário foi chamado, medicamento foi dado, porém, ele não melhorou.

Adam ficou perto dele sem entender direito o que estava acontecendo. Por que seu irmão não se levantava para brincar? Olha lá o carteiro! Vai dar um pega nele!

Nada.

Sheik foi colocado sobre um colchão e um cobertor, dentro de casa, para que se sentisse mais confortável durante as noites frias.

Infelizmente, ele não melhorou.

Seus olhos tristonhos pareciam dizer adeus.

Foi durante uma manhã, no fundo do quintal, que o seu "pai" presenciou-o partir.

- Lindinha, o Sheik foi embora - disse à mulher.

E se abraçaram.

Foi um momento bastante difícil.

Conversando com a esposa, telefonaram para o setor de zoonose da prefeitura e ficaram de vir levar o corpo. Eles não queriam ver o Adam

passar pelo mesmo sofrimento que estavam sentindo, assim, deixaram-no isolado num cercado sem contato com o irmão falecido. Porém, ele viu o momento em que Sheik foi carregado para fora de casa e colocado na carroceria aberta de um caminhão.

Solto, ele viu o caminhão ir embora.

Talvez em sua mente canina tivesse se lembrado de um momento semelhante, anos atrás, quando o irmão fora posto em outra carroceria. Dessa vez, Adam fora impedido de acompanhar o irmão, seu único irmão, daquele a quem nunca se separava. Por quê?

Os pais quiseram poupá-lo. Mas, para o Adam, o Sheik não havia morrido. Simplesmente partira. Talvez isso tivesse sido um erro, um grande erro sob a desculpa de uma boa intenção. E todo mundo sabia qual lugar estava abarrotado de boas intenções. Provavelmente, o sofrimento sincero tivesse sido a melhor escolha à amenidade da ignorância, da mentira. Um dia, aquele encontraria consolo, todavia, esta jamais teria um descanso.

E foi assim, nesse adeus nunca concretizado, que Adam passou os dias seguintes.

Todas as vezes que ele ouvia um caminhão passar pela rua, ia correndo até o portão da frente, animado pela esperança de que o

irmão havia retornado. E o seu corpo tenso, logo desabava na decepção. E ele permanecia lá até o caminhão desaparecer e a rua tornar a ficar quieta.

- Pobrezinho! - dizia a "mãe", cujo coração também perdia um pedaço junto com o coração do filhote peludo. - Pobrezinho do Adam!

Era uma visão de arreentar o espírito mais rijo.

Assim, nesse misto de luto, inquietação, pena e esperança que, na nova cidade - não tão nova a essa altura, a bem da verdade -, o casal encontrou um novo companheiro, uma "irmãzinha", Loba, não para substituir o Sheik, isso nunca, mas para atenuar a dor de uma despedida não realizada.

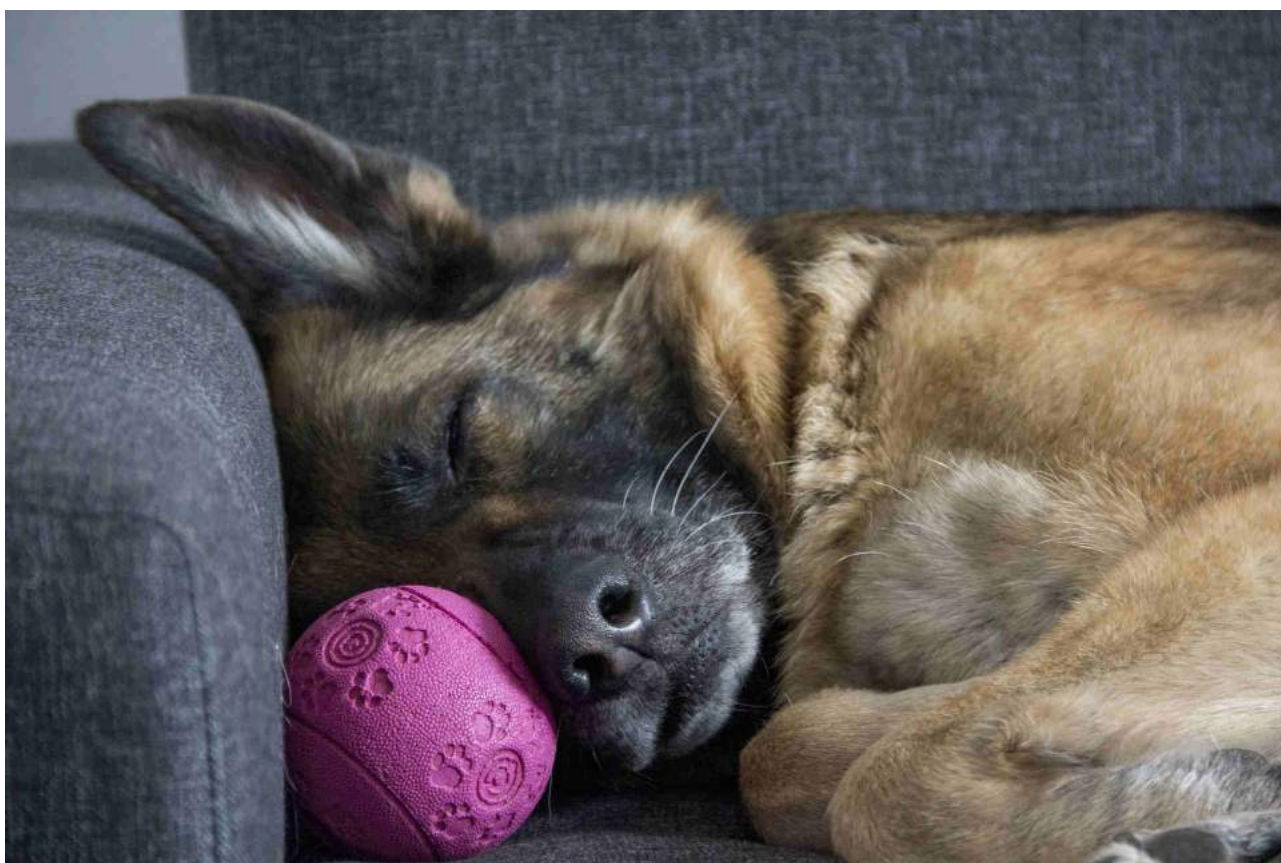
Era uma mestiça de pastor belga, toda pretinha e esmilinguida, e, do mesmo modo que o Adam da primeira vez com o Sheik, ficou toda apavorada ao vê-lo. Levou outro tempo até se acostumar, e, num ciclo que se renovava como a própria vida, foi a vez dela passar a infernizar o seu belo irmão grandão, como este, um dia, fizera com o Sheik.

Mas no fundo, bem lá no fundo, ele nunca se esqueceu de seu irmão, o poodle gigante, o bondoso e tolerante Sheik. O ruído do motor de um caminhão sempre o fazia erguer a cabeça. E, dentro de seu coração de husky, a quietude glacial era somente

um jeito de seu espírito tentar concretizar um momento que, na ignorância dos "pais", fora-lhe negado.

Seu modo de, finalmente, dizer adeus.

NOTA DO AUTOR: Essa é uma forma simplória de não somente eu homenagear meus filhotes peludos, mas pedir desculpas. E tentar encontrar algum alívio na esperança de que, agora, estão brincando juntos novamente em algum lugar.



Roberto Schima. Autor de "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participa da revista "Conexão Literatura" desde sua edição nº 37.

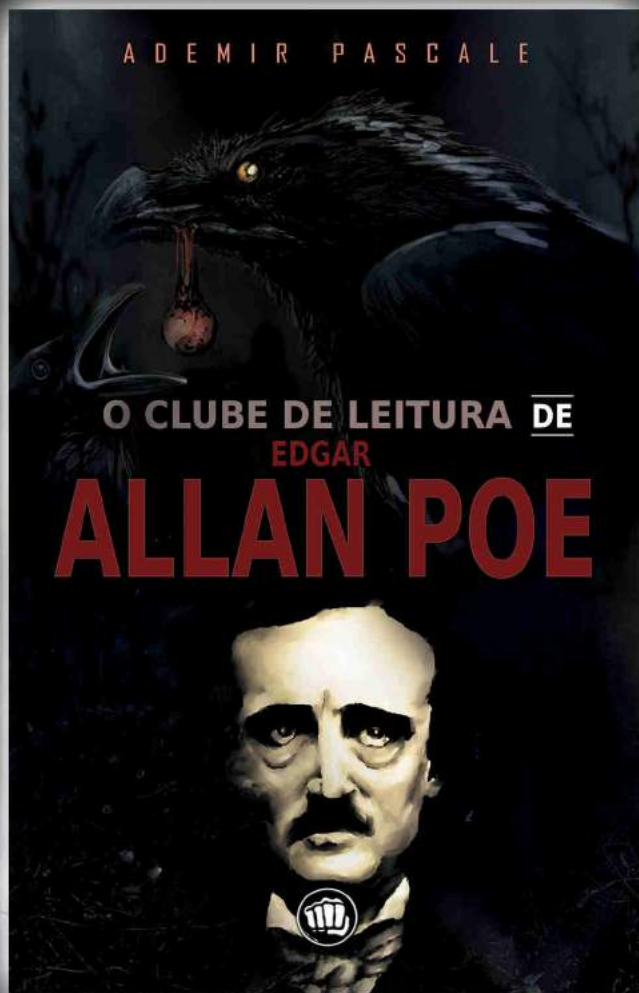
Informações: Google, Clube de Autores, agBook, Amazon ou nos links abaixo:

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

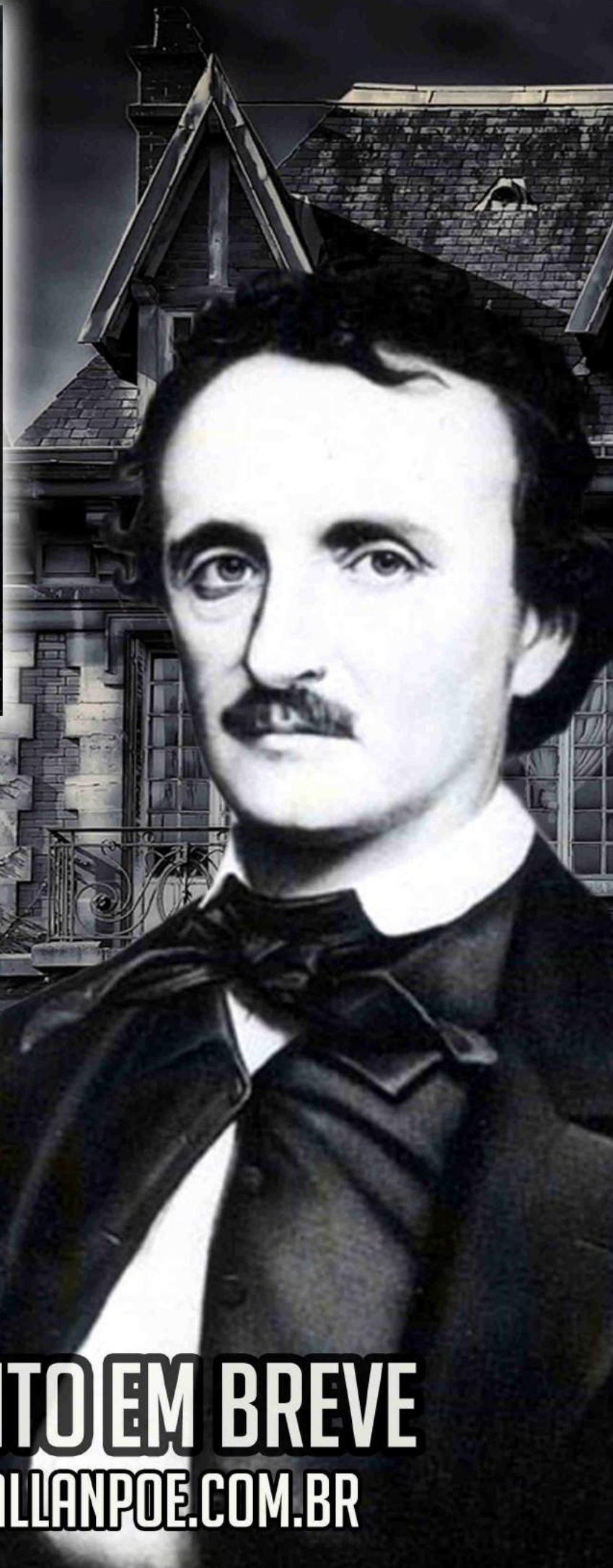
<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

ADEMIR PASCALE



O Clube de Leitura de
Edgar Allan Poe
por Ademir Pascale



LANÇAMENTO EM BREVE

WWW.EDGARALLANPOE.COM.BR

O PRIMEIRO DIA

por Roberto Schima



O passar dos anos... Nós, mulheres, geralmente, somos criaturas práticas: pouco dadas a contemplações, devaneios ou nostalgia. Exceto, naturalmente, em situações específicas: quando estamos apaixonadas, por exemplo. Os homens, por sua vez, ficam mais tempo no "mundo da lua". Nós somos mais pés no chão. Talvez, por isso, os relacionamentos, quando dão certo, dão de verdade. Se ambos fossem avoados ou realistas demais, a coisa - penso eu - tenderia a desgringolar feito uma locomotiva descarrilhada.

Porém, nesse instante, é impossível eu deixar de divagar,

pensar no fluxo do tempo. Não é paixão, mas um sentimento que, igualmente, cavouca o coração da gente.

A voz vem de muito longe, firme, gentil, fazendo eco na minha cabeça: "Não chore."

E isso foi quantos séculos atrás?

Sabe, os inúmeros episódios - mais ou menos importantes - imprimiram sua marca em minha vida. Acontece com todo mundo. A "importância" varia de pessoa para pessoa, e, não raro, dá a impressão de estar além da própria vontade. No meu caso, pode ser algo tão trivial quanto juntar punhados de papelão, garrafas ou fios de cobre para vender

ao carroceiro de ferro-velho que costumava passar semanalmente na rua de casa. Foi, assim, desse jeito, que faturei o primeiro trocado na vida. Teria o quê? Seis, sete anos se tanto. Já era uma mocinha empreendedora, independente e adiante do meu tempo! Ah, eu me lembro... Coberto pela névoa dos anos e detalhes falsos, contudo, eu me lembro. Foram cinquenta cruzeiros. Era uma nota bastante amarrotada trazendo a estampa da Princesa Isabel. Talvez, eu devesse tê-la guardado como o *Tio Patinhas*¹ fez com a sua primeira moedinha, porém, conforme mencionei, nós, mulheres, somos práticas! E não foi sem uma imensa dose de orgulho - e praticidade - que a garotinha que eu fui dirigiu-se ao bar mais próximo para gastá-lo na compra da guloseima preferida. Naquele tempo, as crianças ainda podiam andar pelas ruas; as casas não davam sinais de que iriam se transformar em jaulas ou fortalezas. Pensando agora, eu creio que, de tão amarfanhada, aquela nota nem deveria estar mais em circulação. Acredito que o comerciante acabou dando-me o doce e aceitando o dinheiro mais por dó ou por ter achado o meu jeito um tanto divertido. Eu só posso agradecê-lo por isso. Estranho como uma recordação dessa pode atravessar décadas e décadas, sobrepondo-se a tantos outros acontecimentos que, em tese, deveriam ter maior relevância.

Ah, um abre parênteses... As cédulas daquele tempo eram muito bonitas. Eram mais sóbrias e até mais sisudas que as atuais, as quais

parecem ter saído de alguma revista em quadrinhos. Cem cruzeiros com D. Pedro II. Duzentos cruzeiros, D. Pedro I - eu não sei o porquê, mas, na minha cabeça de criança, sendo o primeiro, D. Pedro I deveria estar na nota de cem; e, D. Pedro II, na de duzentos. Quinhentos cruzeiros com D. João VI. E mil cruzeiros com Pedro Álvares Cabral. Todas impressas nos Estados Unidos ou na Inglaterra. Muito lindas. Fecha parênteses.

Não por acaso, entre diversos *hobbies*, tornei-me numismata na adolescência. Até hoje, passada da meia-idade e a caminho da terceira, conservo uma ou outra cédula antiga e, olhar para elas, traz uma mistura de emoções do passado.

Na visão de meus pais, eu era uma verdadeira moleca.

- Vai brincar de boneca.

- Num quero!

- Vai brincar de "casinha".

- Num gosto!

Eu era avessa a essas coisinhas "frufu" - hoje diriam "mimimi" -, achando-as totalmente sem graça. Meu negócio era colecionar tampinhas de garrafa ou papéis de bala. Era explorar terrenos baldios junto a garotada como se fôssemos aventureiros numa ilha desconhecida. Era brincar de "nave" com meu irmão e primos com direito a monstros e duelos de raio laser. A "nave" era o minúsculo banheiro da minha tia que ficava do lado de fora da casa, onde nos refugiávamos quando o "monstro" - geralmente o meu irmão, o mais alto de nós - perseguia-nos aos urros.

Vivia de joelhos esfolados.

¹ *Scrooge McDuck*, criado por Carl Barks em 1947.

Será possível que ninguém nunca se tivesse perguntado na vida por que as brincadeiras dos meninos eram sempre mais interessantes do que a das meninas?

Então, já adolescente, eu quis porque quis ganhar uma boina, moda na época. - Uma moleca crescida, mas não desatenta à vaidade. - Infernizei e infernizei meu pai noites seguidas, quando ele retornava, semblante cansado, após um longo dia de trabalho a ganhar o "pão nosso" a fim de sustentar mulher e dois filhos, entre estes, a caçula pra lá de mimada. Ele não conseguiu juntar o suficiente para me comprar a peça e isso deixou-me semanas de birra, mal sabendo eu, no egoísmo típico da idade, o quanto mais ele sofrera por não o ter conseguido.

"E boina não é uma coisa 'frufu'?", diriam alguns. Bem, não vou contradizer...

São tantas pequenas histórias que apenas um livro não bastaria. Tampouco, atravessar-me-ia a escrevê-lo: a quem iria interessar além de mim mesma? Um professor disse certa vez:

- Cada um de nós é uma biblioteca cuja maior parte dos livros conserva-se fechada em suas estantes por falta de leitores; as letras e ilustrações se apagam, as páginas tornam-se quebradiças e desfazem-se ao menor toque. Ao final, de todos romances, contos, crônicas, partituras, ensaios e poemas, sequer uma frase ou estrofe permanece. Somente a poeira soprada pelo vento.

Na época, não me atinei a isso, tampouco li nas entrelinhas a crítica aos alunos desatentos, embora tivesse

anotado a frase em um caderno por achá-la interessante. Hoje, compreendo-a melhor do que nunca.

Assim, eu vou divagando entre o velho e o novo enquanto dirijo o meu carro por entre as ruas do bairro onde eu passara os meus primeiros anos de vida. Muitas coisas mudaram: casas avarandadas foram demolidas para dar lugar a outras mais modernas, terrenos baldios foram tomados por edifícios, ruas de chão batido foram cobertas pelo asfalto e por um trânsito mais intenso. Rostos outrora familiares foram dispersos no decorrer dos anos pelo mundo afora. Poeira soprada pelo vento. Todavia, percebo, restam alguns ecos, um pequenino detalhe, um contorno, uma silueta, um odor, uma textura. E as memórias, quase sem querer, vêm bater a nossa porta feito marolas no casco de uma embarcação.

Esse sentimento que cavouca o coração da gente.

Ao olhar de soslaio, inconscientemente murmuro:

- Não chore.

Então, essa porta interior é praticamente derrubada quando a resposta surge fraca, distante e áspera, num falsete infantil:

- "Num tô chorano".

Trocamos olhares num misto de melancolia e compreensão.

Que tola eu fui e continuo sendo: não sou a única a arrastar-me contra o fluxo do tempo.

O olhos de Anabela brilhavam.

Eles eram grandes e escuros, de um castanho quase preto. Sua apreensão era denunciada pelo movimento inquieto nas órbitas por maior que fosse o seu esforço em disfarçar. Tinha somente cinco anos. Era nova demais para assimilar as dissimulações do mundo adulto. Havia um ritmo no corpinho magricela, uma energia aprisionada feito uma garrafa de refrigerante ainda tampada que alguém chacoalhara de propósito. E as bolhinhas ficavam lá, subindo pelas paredes, solitárias ou em grupos, numa calma apenas aparente. Anabela era uma "garrafa" de cabelos encaracolados, também castanhos, mal atingindo os ombros estreitos. E o abridor de garrafa estava vários quarteirões longe dali.

Sentou-se, olhou para os lados a procura de alguma coisa. Decidiu-se. Ficou de pé e correu para apanhar seu dinossauro de plástico predileto - um triceratops azul -, abandonado num canto do quarto desde a noite anterior. Tornou a se sentar.

- Fica quietinha, Belinha - falou o pai o mais brandamente possível. - Senão, vai amassar o uniforme.

- "Unformi"?

- Uniforme... U-ni-for-me.

- Un-for-mi...

- É... é isso mesmo - disse o pai, achando graça.

Ela obedeceu sem resmungar. Fez seu dinossauro trotar diante de si. Seu silêncio algo incomum. Podia-se somente supor o que deveria estar sentindo por dentro: medo, nervosismo, ansiedade. Todo mundo já passara por isso, entretanto, quem se lembrava? A vida era uma

avalanche: uma coisa sobrepondo-se a outra e a outra, e assim por diante. O pai também tivera o seu momento havia tantos e tantos anos que sua memória sequer se deu ao trabalho de pensar nisso: apagara-se por completo feito uma página esmaecida.

O homem terminou de amarrar os sapatos da filha num laço desigual. Conferiu a maria-chiquinha não muito melhor. Acariciou-lhe as madeixas.

Anabela encarou-o pela primeira vez, o dinossauro azul também. Ambos fitavam-no seriamente numa acusação implícita: por que ela tinha de ir a escola?

Alarmado, ele falou:

- Não chore, filhinha.

- Num tô chorano. - Havia um quê de indignação. As pernas finas não paravam de balançar na cadeira em compasso ao trotar do pequeno dinossauro.

Ele acrescentou numa animação fingida:

- Você verá. Vai ser bacana!

"Bacana"... O pai adorava essa palavra. Principalmente quando havia uma situação dúbia envolvida. Ficar aos cuidados de uma tia era bacana. Tomar vacina era bacana. Uma ida na feira era bacana. Um primo chato era bacana. Bossa nova era bacana. Isso Anabela aprendera meio que por instinto, embora incapaz de traduzir em palavras. Bacana... pois sim!

A manhã seguia lá fora numa lentidão fresca de primavera. Havia o perfume de rosas no ar, pois, naquele tempo, as pessoas tinham o salutar hábito de cultivar um jardim.

Ele prosseguiu, sem perceber o piscar mais rápido daqueles olhos castanhos.

- Conhecerá uma porção de meninas e fará muitos amigos.

- Já tenho "miguinhos" - retrucou o pingo de gente.

Mas tinha sim: a Maria Alice, a Suzinete, o Roquinho, o Eno...

- Terá outros - insistiu. - Brincará bastante e aprenderá um monte de coisas novas.

"Coisas novas"? Ela sabia correr, fazer bonecos de barro, apanhar insetos e estava até conseguindo pular corda. O que mais haveria no mundo para ser aprendido?

- O quê? - quis saber, curiosa.

- Coisas... coisas diferentes.

Ela fez um muxoxo, sem entender a resposta. Coçou atrás da orelha. Fez o dinossauro rosnar feito aquele monstro gigante que enfrentou o *Ultraman*² no último episódio. Alisou o uniforme azul marinho em seu corpinho mirrado. Sim, o primeiro uniforme de sua vida. Era estranho pensar em várias pessoas vestidas do mesmo jeito como se fossem pastilhas de revestimento em um edifício. O bolso da camisa branca por baixo do casaco e as costas deste traziam estampados o emblema e o nome da escolinha: "Tequinho do Céu". Grandes letras azuis e amarelas, tendo logo abaixo a ilustração de um anjinho gorducho e sorridente, seu símbolo.

O pai examinou-a, olhar satisfeito.

Anabela estava limpinha e cheirosa como...

- Como esse anjinho - murmurou, apontando para o bolso da filha.

Era o seu anjinho de cinco anos. E iria ter a sua primeira aulinha no pré-primário.

A roupa estava em ordem.

A maria-chiquinha... mais ou menos.

Na lancheira havia uma garrafinha de groselha, um sanduiche de queijo e uma barra de chocolate.

Na mochila, levava cadernos de desenho e de folhas quadriculadas. Alguns lápis, borracha e apontador.

Anabela parecia tão miúda perto daquela mochila... E, não obstante, os anos passaram tão depressa! Ainda ontem ela sujava as fraldas e não deixava ninguém dormir de madrugada. Agora, estava prestes a dar os primeiros passos em direção à escola, a um admirável mundo novo.

O pai maldisse o serviço por furtar tanto de um tempo que poderia ter melhor aproveitado vendo a filha crescer. Antigamente, as famílias trabalhavam juntas na fazenda do patrão, como ele próprio fizera. Todos faziam suas refeições juntos. Cresciam em meio a um sentimento de unidade. Entretanto, o mundo moderno concorria para corroer a sociedade naquilo que havia de mais fundamental. Os confortos materiais aumentaram, contudo...

- Que coisas?

O pai despertou do devaneio.

- Hein?

- Que coisas? - insistiu a menina em sua voz estridente.

² Tsuburaya Productions, 1966.

O homem não entendeu de imediato, preso aos próprios pensamentos.

- Bom, Belinha... Vai aprender segurar o lápis direito. Vai desenhar. Montará bonequinhos de massa. Pintar. Recortar figuras. Terá lição de casa... Esse tipo de coisa.

Ela brincou com um dos cachinhos.

- E vô ficá muito tempo?

- Até a hora do almoço. Passa rápido. Quando você nem estiver percebido, já terá dado o horário de voltar para casa. Eu estarei trabalhando. Será a sua mãe quem ficará esperando do lado de fora da escola, por isso não precisa ficar chorando.

- Num tô chorano.

- Você não entendeu. Quando sair...

- Num vô chorá tamem.

O triceratops azul ficou agitado.

- Certo, bonequinha, não vai chorar. E é "também" e não "tamem", certo?

- Certo - respondeu enfadada.

- E se precisar fazer xixi...

- Eu pido pra ir.

- Isso, meu amorzinho. Você "pido" pra ir - assentiu ele, tão cansando de corrigi-la quanto ela de ser corrigida. - Ótimo! Agora vamos porque senão vou me atrasar. Vai lá na cozinha dar um beijão na sua mãe.

A filha foi correndo com aquelas pernas curtas e finas, agitando seus "cabelinhos de mola", conforme o pai apelidara. Pouco depois, retornou acompanhada da mãe. Marido e mulher trocaram olhares. Era um misto de alegria e dó.

Afinal, era o primeiro dia. O primeiro dia de Anabela e, num sentido maior, deles também. Como colocar em palavras aquele sentimento de felicidade misturado ao de perda que estavam sentindo? A primeira vez dela longe de tudo o que lhe era conhecido, diante de um mundo maior e estranho. Parodiando o astronauta que, recentemente, viram na TV a válvula: era um pequeno passo para Anabela e um gigantesco salto para a família. Observaram o pedacinho de gente colocar a mochila nas costas: era tão grande para aquele corpinho franzino.

Felizmente, a menina não se importou em deixar seu dinossauro de plástico em casa. Usando a lógica irrepreensível das crianças, argumentou que Chiquitim - era esse o nome do triceratops, apelido de um garoto da vizinhança - não gostava de estranhos lhe pegando e que, por isso, ficaria junto a outros companheiros cretáceos, em cima da vitrola, assistindo os monstros na televisão até ela retornar.

Enquanto o pai dirigia seu fusca naquela manhã ensolarada, em meio ao trânsito que começava a piorar, lançou de tempos em tempos uns olhares disfarçados para a criança.

"Anabela, Belinha, meu pedacinho de gente peralta e tagarela está crescendo, tornando-se mocinha para enfrentar a loucura de um mundo insano. Recebam-na bem e com carinho. Ela é sapeca, mas de grande coração. Prefere andar de *short* a usar vestido e apostar corrida a dançar, mas é e será sempre a

minha menininha, o meu bebê. É muito difícil deixá-la partir."

O rostinho tenso mirava o movimento do outro lado do vidro, para aqueles prédios estranhos, aquelas pessoas cujas expressões eram de poucos amigos, os ônibus apinhados de gente feito latas de sardinha. Era tudo estranho, tudo novo, tudo um tanto ameaçador. Anabela mal piscava, sequer dava para perceber a sua respiração. O que estaria pensando? Sim... Quase parecia gente grande em seu silêncio incomum, em sua reserva, em sua tentativa de compreender que o universo que até então conhecera estava sendo ampliado. Desviou os olhos de fora e passou a brincar com os enfeites pendurados no espelho retrovisor: um elefantinho da *Shell*³ e um bonequinho do arroz *Brejeiro*⁴.

O pai teve uma vontade louca de estacionar no quarteirão seguinte, abraçá-la, protegê-la do mundo, dizer-lhe palavras encorajadoras, mas deteve-se a tempo.

A escolinha "Tequinho do Céu" surgiu após dobrarem a última esquina.

O abridor de garrafa.

Havia um painel grande e colorido logo na entrada, destacando-se o anjinho rechonchudo de asas pequeninas. Lá estavam várias mães, orgulhosas e independentes em seus próprios veículos, estacionando de modo precário e em fila dupla. Algumas seguiam a pé, segurando as crianças pela mão. Crianças animadas. Crianças relutantes. Crianças birrentas. Crianças

choronas. Todas vestidas do mesmo modo.

- É lá? - indagou Anabela, agora mais atenta aos uniformes iguais ao seu do que a versão enorme do anjo que trazia no bolso de sua camisa.

- É, sim - respondeu o pai, intimamente inquieto.

Uma daquelas crianças, um garotinho, fazia escândalo como se estivesse indo para o abate. Agarrava-se a saia da mãe como se a sua própria vida dependesse disso. Um menino próximo apontavam e riam para maior embaraço e raiva da mulher. Ela arrancou as mãos do moleque e entregou-o a uma servente da escola a qual arrastou-o literalmente para dentro, enquanto a mãe meio que fugia dali, morta de vergonha. Parecia uma cena tirada de *O Garoto*⁵.

Outras crianças olhavam espantadas, medrosas e, algumas, divertidas.

Murmurou para a filha:

- Não chore.

- Num tô chorano.

- Isso mesmo, meu amorzinho.

Não tem porque chorar. Será bom, muito bom, você vai ver.

Estacionou e foram em frente ao portão do "Tequinho do Céu".

Anabela jamais vira tanta gente estranha reunida.

O pai olhou para ela morto de dó e preocupação. Sentindo um nó na garganta, falou:

- Está na hora, filhinha.

Observou-a respirar fundo e varrer o olhar em direção à turba. Agachou-se, deu-lhe um abraço e um

³ <https://www.shell.com.br/>

⁴ <http://www.brejeiro.com.br/>

⁵ *The Kid*, Charles Chaplin, 1921.

beijo na bochecha. Ela retribuiu mecanicamente. Ele pôde sentir a tensão da criança através do corpinho frágil. Era o princípio de um mundo mais vasto e aterrorizante. Não resistiu e tornou a abraçá-la, procurando dar-lhe o conforto que durasse até a hora da saída. Exigiu todo o seu esforço tentar soar confiante e pedir-lhe que entrasse. Insistiu, pois ela não se separava dele. Então, deu-se conta: era ele quem precisava desfazer o abraço.

Por fim:

- Tchau, pai.

- Tchau, Belinha, fica direitinho. Já sabe: sua mamãe estará te esperando aqui mesmo.

O rosto da menina estava lívido, seus olhos grandes refletiam os finos raios de sol. As mechas encaracoladas da maria-chiquinha tremulavam à brisa da manhã.

Algumas crianças passaram, dando-lhe uns encontrões, mas ela nem sentiu. Lançou um último olhar ao pai.

Este sorriu.

- Não chore...

- Num tô chorano! - resmungou ela numa rebeldia familiar que deixou-o mais tranquilo.

E Anabela afastou-se do pai, queixo erguido, e foi rapidamente engolida pela pequena multidão. Sua mãozinha fez um último gesto de despedida e o portão se fechou, devorando todas as crianças, risos, resmungos e lágrimas.

"Ah, ela é tão pequenininha! Pela primeira vez sozinha no mundo. Apenas um cotoco de gente."

Naquele dia, ele ficou olhando para aquele portão durante um longo

tempo, parado, em pé, enquanto todas as mães "mal-toristas" e pais acanhados foram embora.

- Não chore... Não chore... - murmurou, já dentro do carro, pensando na filha, na sala de aula, na passagem do tempo. Não foi nem um pouco difícil imaginar a voz de graves e agudos da menina a responder contrariada: "Num tô chorano!"

- Não chore... Não chore... - repetiu mais algumas vezes, virando na esquina.

Porém, foi inútil.

Seus olhos teimavam em desobedecer.

Orgulho-me de ser uma mulher muito prática.

Faço minhas planilhas de orçamento para os próximos seis meses.

Quando vou ao *shopping center* sei exatamente o que vou comprar, quanto vou gastar, em que irei usar. E, naturalmente, lido com uma margem extra para as pequenas bobagens femininas, sempre dentro do controle. Faço estoque de mantimentos e armazeno-os na despensa em ordem cronológica para utilizar os mais antigos primeiro. Não deixo as emoções ditarem meus atos. Elas estão lá, evidentemente, mas, no final, a razão deve prevalecer.

Sei que nem todas as mulheres são assim. "Mostre-me tua bolsa e dir-te-ei que és" é um provérbio que inventei na mocidade. Algumas jamais deixam de estar endividadas por cultivarem a crença - ou a esperança - de possuírem um cartão

de crédito sem limite. Tampouco serei tão arrogante a ponto de dizer que, ser do meu jeito, é um mérito meu em vez de defeito. E muito menos irei atrever-me a afirmar estar certa e as outras, erradas. Simplesmente, eu sou assim.

Prática.

Realista.

Racional.

Talvez por ter cultivado o *hobbie* de colecionar diversas coisinhas bobas quando menina, eu tenha me tornado tão organizada...

... e chata.

Machistas dirão ser excesso de testosterona, mas eu me considero mais mulher do que muito homem pode achar-se homem.

As paisagens mais ou menos familiares de meu passado continuam a desfilar diante de meus olhos. Gastas, desbotadas, vandalizadas por pichações.

Rua Goananá.

Rua Jorge Augusto.

Avenida Amador Bueno da Veiga.

Elas diluem toda a minha racionalidade feito a maré sobre um castelo de areia.

Onde foi parar o meu senso de realidade?

Logo no início, percebi boquiaberta:

"Meu Deus, ainda existe um bar onde eu gastei a minha primeira nota na vida!"

Certamente, o dono original faleceu há muito tempo. Não guardo recordação alguma de seu rosto. Não pude deixar de sentir vontade de estacionar em frente, entrar e absorver toda aquela atmosfera antiga

e pedir uma porção das guloseimas de que tanto gostava em criança: maria-mole, doce de abóbora, paçoquinha, suspiro, gelatina coberta de açúcar cristalizado. Ah, quem de minha época não se lembra daquela maria-mole em cima de uma casquinha de sorvete que trazia um brinquedinho de brinde? Infelizmente, o tempo urge. Mas ainda farei isso: irei até lá e comprarei meus doces de um modo prático e racional.

Brincadeira: a praticidade e a racionalidade que vão as favas! Eu quero fazê-lo pela criança que fui e o que aqueles primeiros anos representaram e representam para mim. Eu quero de volta aquela cédula da Princesa Isabel da qual nunca deveria ter desfeito.

Conforme cantou Roberto Carlos: "*... Essas recordações me matam...*"⁶

Presente e passado continuam a se misturar em minha mente.

Agora, observo lá longe num dobrar de esquina o painel do lugar.

"Recanto da Paz".

A princípio, não gostei nem um pouco desse nome. Será que não houve viva alma capaz de prever suas implicações? Eu teria mudado de lugar, não fossem as recomendações e a proximidade. Seu símbolo era o de um nascer do Sol por trás das montanhas. Uma mensagem tão bonita quanto a que qualquer cartão postal procura trazer e pouco revelar.

Vários automóveis estavam estacionados em frente.

Tinham diversas pessoas, porém, creio, não tantas quanto

⁶ "O Divã", Roberto Carlos/Erasmus Carlos, 1972.

naquela outra manhã perdida em minhas recordações. Menos numerosas, menos ruidosas e menos ágeis.

Meu automóvel pára num ranger de pneus.

Ainda pensando no passado, caminho até a porta do passageiro. Ajudo-o a descer por mais que o seu orgulho reclame. Verifico novamente sua camisa, os botões, a gola. Os cabelos tinham se despenteado com o vento. Apressada, aliso-os com as minhas mãos. Não há tempo. Justo hoje, uma reunião importante aguarda-me na firma.

Pergunto-me o quanto penso que ganhei e o quanto, de fato, eu perdi.

Algum machista comentou certa vez que o movimento feminista fora o maior golpe que os homens tinham aplicado às mulheres. Agora, além dos afazeres domésticos, acumulavam também os deveres de seus respectivos empregos. Não serei eu quem irá discordar. Não vejo graça nessa "brincadeira" de correr e, muito menos, nessa "brincadeira" de casinha. Em nenhum dos casos eu posso gritar: "Num quero!" ou "Num gosto!" Bom, até posso, mas não irá adiantar coisa alguma.

Ele caminha devagar em direção ao portão. Ajudo-o o quanto seu orgulho permite. Surge uma moça e assume o meu lugar. Solícita. Sorridente. Uma enfermeira.

Olho para a multidão.

Praticamente, não há crianças.

Não há ninguém fazendo escândalo. Quanto aos sorrisos, carregam um peso de chumbo no coração.

E, em meio àquelas pessoas sisudas, cansadas e de cabelos grisalhos, viro-me para ele.

Meu pai.

Falo:

- Não se preocupe. No fim de semana virei visitá-lo.

Os olhos fracos e cansados miram-me atentamente, como se quisessem decorar as linhas de meu rosto. Receio perceber uma mágoa ou uma acusação. Não vejo nada disso. Toca ternamente os cachos de meus cabelos tingidos. Murmura resignado:

- Cabelinhos de mola.

E, apoiando-se em sua bengala de um lado e auxiliado pela enfermeira do outro, ele caminha vacilante para a casa de repouso, tão imerso em suas recordações quanto eu me encontro mergulhada nas minhas.

E lá vai ele para uma nova fase, um novo mundo, a derradeira jornada.

O paralelo é inevitável.

"Recanto da Paz"... que nome estúpido! Qualquer um associaria a "descanse em paz" num estalar de dedos. Nome idiota.

Falo para mim própria:

- Não chore.

Ele não precisa ver-me assim.

A vista estava fraca, mas sua audição, pelo contrário, continua boa.

- "Num tô chorano" - retruca outra vez, voltando-se hesitante e acenando-me um adeus.

Tento sorrir de volta.

Todavia, não era com ele que eu tinha falado, mas com meus olhos.

Volto para o meu carro, desejando não sair dali.

Não sem ele.

Sem seu abraço.
Ele sozinho no mundo.
A sensação de eu estar só
também.

Um sentimento a cavoucar o
coração da gente.

Desobedientes, as lágrimas em
meu rosto caem devagar.

Traçam em sua caligrafia o
enorme vazio de mais uma
despedida.

Ligo meu carro e, no espelho
retrovisor, um judiado boneco do
arroz *Brejeiro* põe-se a dançar.



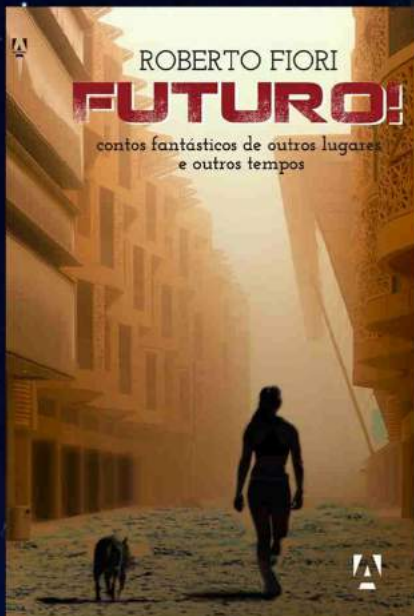
Roberto Schima. Autor de "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participa da revista "Conexão Literatura" desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Clube de Autores, agBook, Amazon ou nos links abaixo:

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



**CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES**

Uma obra do autor Roberto Fiori

para adquirir
[[clique aqui](#)]



Traveling Between Pages

www.travelingbetweenpages.com.br

Para os apaixonados por livros e entretenimento.

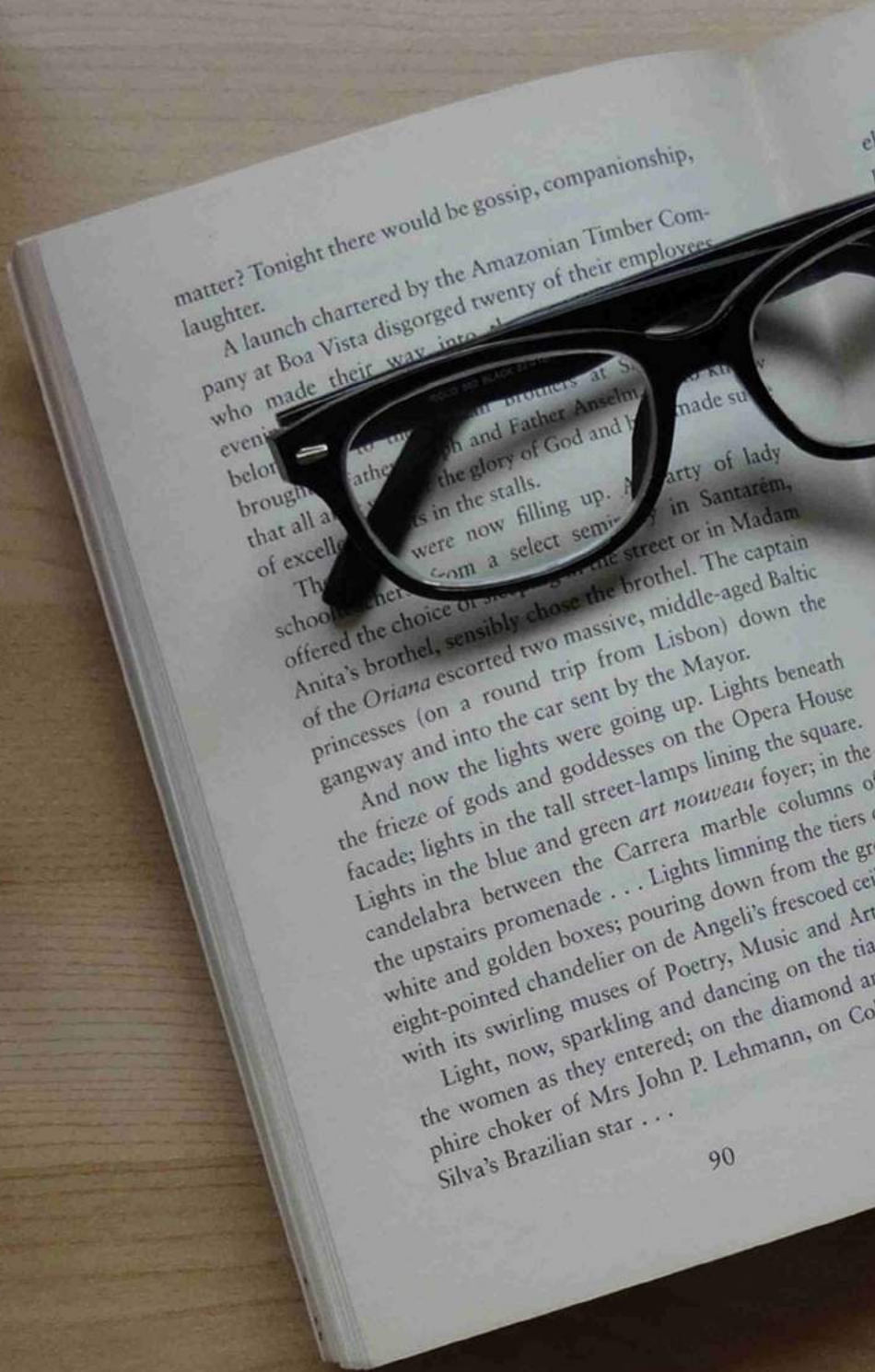
 /travelingbp  /travelingbetweenpages  /TravelingBP



www.livreando.com.br

Um blog sobre nossa maior paixão: Livros!

 /bloglivreando  /bloglivreando  /BlogLivreando



NÃO FIQUE DE FORA

**Saiba como anunciar ou publicar
em nosso site ou próxima edição:**

CLIQUE AQUI